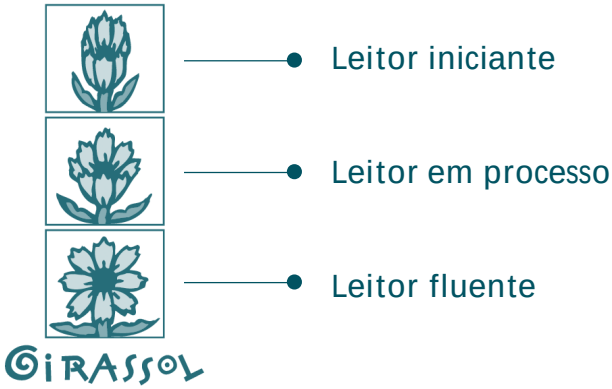

MAY SHURAVEL

O nariz do general

ILUSTRAÇÕES DA AUTORA

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega
Rosane Pamplona

Moderna
Contigo criamos leitores

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

"Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar."

[ ]

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um "eu" que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, "*vão e voltam*", mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada "*não quer voltar*". Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou "vivida" através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso "*meu amor não quer voltar*", podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não "*quer*" voltar? Repare que não é "*não pode*" que está escrito, é "*não quer*", isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O "eu" é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* "Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam." *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz "eu"? Se imaginarmos um "eu" masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

[ ]

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero

O nariz do general

MAY SHURAVEL

UM POUCO SOBRE A AUTORA

May Shuravel nasceu em 1950, em São Paulo, cidade em que vive até hoje. Bem pequena, quando ainda nem sabia ler, pegava os livros e ficava olhando as ilustrações, imaginando histórias para elas, sonhando com o dia em que seria capaz de ler sozinha, a qualquer hora, o livro que escolhesse. Alfabetizada, descobriu a biblioteca e o prazer de ler livros e mais livros.

Fez vários cursos de Arte e formou-se em Arquitetura. Durante algum tempo, trabalhou como professora de desenho.

Aceitando um convite para ilustrar um livro, descobriu que podia viver dessa atividade e, desde então, ilustrou, com grande prazer, livros de muitos autores. Mas, de tanto criar ilustrações para histórias escritas por outros autores, acabou ficando com vontade de inventar as suas próprias, resgatando as experiências de infância. Escrever revelou-se também um grande prazer.

May trabalha bastante, mas não deixa de reservar tempo para a leitura, ainda que esse tempo lhe pareça sempre muito escasso.

RESENHA

Uma cidadezinha — Pedra Dura — teve o seu nome alterado quando, misteriosamente, a estátua de um general fora colocada na praça central. Quem havia encomendado tal obra? Onde fora feita? Por quem? O prefeito, o padre, a professora, outros moradores, enfim, ninguém tinha a resposta. Na placa de identificação da estátua

estava escrito: General Rolando Rodrigues Frasão Pereira de Albuquerque Madureira. Por essa razão, a cidade passou a ter esse nome, o que era motivo de muito orgulho por parte dos moradores. Em outro dia, mais um mistério aconteceu: a estátua amanheceu sem o nariz. Como isso podia ter acontecido? Era preciso restaurar a estátua do General e recuperar a dignidade dos rolandeses. Sem verba pública para a obra, a cidade toda mobilizou-se, arrecadando dinheiro para contratar um restaurador da cidade grande.

Apesar das brigas e das diferenças entre os moradores de General Rolando, o objetivo comum os uniu. Fizeram gincanas, quermesses, festas para angariar verbas para a restauração. O sucesso foi tanto que a cidade passou a ser um pólo de turismo, que gerou expansão e desenvolvimento ao lugar. Por fim, desvendaram a origem da estátua do General e o talentoso escultor da obra, chamado Hefestos, de quem a cidade ganhou outras obras: as pedras da antiga "Pedra Dura" transformaram-se nas figuras da professora Mirtes e de suas crianças, do Zé Vassoura, do seu Totó com seu cão, do Albertinho e sua tesoura, do seu Romão fazendo pão, do prefeito e de sua esposa e até do padre abençoando a todos.

Entremeada com essa história, há uma troca de cartas entre a autora — MS — e o suposto ilustrador do livro — Boris Borratintas. Como a autora não gosta das soluções que o ilustrador encontra para a história, e também porque no meio do trabalho ele decide mudar de profissão, MS resolve que o livro não terá ilustrações, uma vez que é "muito melhor deixar as imagens por conta da fantasia dos leitores".

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Essa é a divertida história de um lugarejo e de seus habitantes típicos: o prefeito, o padre, a professora, o varredor de rua, o barbeiro, o padeiro etc. Ao precisar resolver um problema comum — a recuperação do nariz da estátua da praça — os moradores se unem para além das diferenças individuais. Os rolandeses passam até mesmo a ser referência para outras cidades das redondezas porque descobrem, nas ações coletivas, a possibilidade de constituir a cidadania de cada um. É assim que fica provado que "a importância da cidade não dependia de nenhum general de pedra, mas sim da sua gente de carne e osso".

Há no livro ainda "a história da história", a partir da correspondência entre a autora do livro e de um suposto ilustrador, que, no final, é dispensado, por isso os leitores são convidados a ser, eles mesmos, os ilustradores da trama. Esse recurso é uma solução instigante e uma aposta no poder de fantasia de cada um de nós, leitores.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Educação Artística

Temas transversais: Ética, Pluralidade cultural

Público-alvo: leitor fluente

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Pergunte aos alunos se sabem a origem do nome da cidade em que vivem. Caso não saibam, proponha uma pesquisa a respeito.

2. A partir do título da história, "O nariz do general", estimule os alunos a explicitar suas hipóteses sobre a trama do livro. Trata-se de uma história de um general narigudo? Um general que tinha um olfato muito aguçado? O que será que aconteceu com o nariz do general?

3. Mostre a capa e leia para os alunos o texto da quarta capa do livro. Com esses novos elementos, proponha que reformulem suas hipóteses, pois agora sabem que o "general" do título é o nome de uma cidade.

Durante a leitura:

1. Leia para os alunos os dois primeiros parágrafos da história em que o narrador fala do nome da cidade. Faça a mesma pergunta do livro: "Por que teria mudado de nome?".
Anote as hipóteses dos alunos num papel para voltar a discuti-las depois da leitura.

2. Peça que assinalem as passagens em que há referência aos personagens do livro.

3. Antecipe que, além da história narrada, há trechos que representam uma possível correspondência entre a autora e o ilustrador. Peça que anotem as páginas do livro em que isso acontece.

4. Convide seus alunos a apreciar a ilustração e a compreender sua função. Espera-se que percebam que as diferentes ilustrações do livro não se referem à história que acontece em Pedra Dura, mas à atividade da escritora e à do ilustrador ao produzi-la.

Depois da leitura:

1. Organize a turma em grupos e desafie-os a caracterizar cada um dos personagens (o prefeito, o padre, a professora, o dono da padaria, o cabeleireiro, o varredor da cidade, o mendigo, seu Paulão e dona Linda, os três escultores contratados etc.), empregando diferentes linguagens: a verbal, a plástica e a cênica.

2. Discuta com os alunos o relacionamento entre a autora e o ilustrador, analisando não só a correspondência entre eles, como também as ilustrações que representam a atividade dos dois:

- Quais ilustrações se referem à escritora e quais se referem ao ilustrador? Verifique se identificam a presença de uma série de elementos que, metonimicamente, representam cada uma das atividades; por exemplo, na página 7: caneta, páginas revisadas e detalhe de um teclado de computador indiciam a escrita; na página 17: tubos de tinta, pincéis, paleta e desenhos espalhados sinalizam a pintura.
- Veja se os alunos perceberam a função das cartas de diferentes naipes — damas (a escritora) e valetes (o ilustrador) — que reiteram a identificação da composição.
- Em que ilustrações há esboços de possíveis ilustrações para o livro que está sendo produzido? Estimule-os não só a localizar as páginas (23, 31, 38 etc.), como também a explicitar a que elementos do enredo se referem.

3. Organize os alunos em duplas. Peça a cada um dos componentes que elabore uma história, que deverá vir acompanhada de um bilhete contendo instruções para a elaboração de sua ilustração.
Concluída essa etapa, peça que troquem os trabalhos para que cada um ilustre o texto produzido pelo outro, procurando atender às exigências expressas no bilhete.
Avalie com eles a experiência e explique que a ilustração corresponde a uma leitura que o ilustrador tem do texto e que, algumas vezes, pode não coincidir com a leitura do escritor.

4. No capítulo "A briga", os rolandenses querem saber quem destruiu o nariz do general, e a hipótese levantada por eles é que pode ter sido o diabo. Nesse trecho há vários nomes para o diabo: "Tinhoso", "Cão", "O Coisa-Ruim", "chifrudo". O nome do demônio, nas mais diversas culturas, constitui um tabu lingüístico, um nome cuja pronúncia deve ser evitada e substituída.
Peça aos alunos para fazer com a família um levantamento de outros nomes para o diabo.

5. No capítulo "Preparativos", as cozinheiras inventam muitas receitas engraçadas: "narizes-de-nozes", "rocambole Rolando", "torta de choque", "pés-de-recruta", "tenentinhos-torrados", "bombas de creme". Organize a turma em grupos. Cada um deve criar, com muito humor, uma receita para cada uma dessas "delícias". Fazer um varal com essas receitas e divulgá-las no pátio ou corredores da escola. Bom apetite!

6. O escultor velho e manco da estátua do General Rolando e das figuras dos moradores, esculpidas nas pedras do morro da cidade,

chama-se Hefestos. Leia para os alunos a história de um outro Hefestos, o da mitologia grega.

Hefesto, Hefestos, Hefaísto ou Hefaístos, uma das 12 divindades do Olimpo, era deus do fogo e residia no interior dos vulcões, especialmente do Etna. Filho de Hera, mestre das artes da forja e do trabalho com os metais, era o ferreiro dos deuses, tendo criado para eles magníficas obras: as flechas de Apolo, a couraça de Héracles, o escudo de Aquiles, os palácios dos deuses etc. Apesar de coxo e feio, esposou a bela Afrodite.

- Comente as coincidências entre o Hefestos da mitologia grega e o Hefestos do livro.

7. No Carnaval de 2004, uma das escolas de samba de São Paulo desenvolveu em seu enredo a história da cidade por meio das grandes esculturas que estão espalhadas pela cidade. Que tal aproveitar a grande mobilização em torno da estátua do General, parte do enredo do livro, para conhecer as esculturas presentes no espaço urbano da cidade em que moram seus alunos? O que representam? Quem as esculpiu?

Organize um painel com fotos das obras acompanhadas de pequenos textos explicativos e, para finalizar, promova um passeio "escultural"!

LEIA MAIS...

1. DA MESMA AUTORA

- *Pedro e o diabo da Croácia* — São Paulo, Editora Ática
- *No caminho dos sonhos* — com Moacyr Scliar — São Paulo, Editora FTD

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Bagunça total na cidade imperial* — Sylvia Orthof, São Paulo, Edições Paulinas
- *A cidade que perdeu seu mar* — Elias José, São Paulo, Editora Paulus